

O perigo de uma história única para o autismo¹

The danger of a single story of autism

Íria Bonfim Gavioli²

RESUMO

O presente texto tem por finalidade colocar em evidência o perigo de uma história única para o autismo. Para isso, organizamos o texto em quatro momentos: no primeiro, recorremos a uma psiquiatra francesa, Marian Leboyer, que nos ajuda a contar como o autismo chegou ao Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), conhecido como a bíblia da psiquiatria; no segundo momento, também recorremos a uma psiquiatra francesa, Marie-Claude Thomas, que nos apresenta como os referenciais teóricos de Leo Kanner, conhecido como o “descobridor” do autismo, influenciaram seus estudos acerca do “fenômeno do autismo”; no terceiro momento, apresentamos algumas das implicações ao se considerar uma única versão para uma história; finalmente, no quarto momento, expomos nossas considerações iniciais acerca do perigo de uma história única para o autismo no âmbito da Educação Matemática e destacamos, como um dos nossos interesses, a suspeição de uma norma a respeito do autismo.

PALAVRAS-CHAVE: Leo Kanner. Transtorno do Espectro Autista. Educação Matemática. Inclusão.

ABSTRACT

The purpose of this text is to highlight the danger of a single history for autism. For that, we organized the text in four moments: in the first, we used a French psychiatrist, Marian Leboyer, who helps us to tell how autism arrived at the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM), known as the bible of psychiatry; in the second moment, we also turn to a French psychiatrist, Marie-Claude Thomas, who presents us as the theoretical references of Leo Kanner, known as the “discoverer” of autism, influenced his studies on the “phenomenon of autism”; in the third moment, we present some of the implications when considering a single version for a story; finally, in the fourth moment, we expose our initial considerations about the danger of a single history for autism in the scope of Mathematics Education and we emphasize, as one of our interests, the suspicion of a norm regarding autism.

KEYWORDS: Leo Kanner. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. Marie-Claude Thomas. Mathematics Education and Inclusion.

¹ Embora a última versão do Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM) utilize o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA) para se referir ao autismo, ressaltamos que na escrita deste texto utilizamos apenas autismo ou autista, por entendermos que, independente da nomenclatura utilizada tais nomes referem-se, sempre, a um modelo biológico.

² Doutoranda em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp - Rio Claro). E-mail: iriagavioli@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4751-3412>.



Apresentação

O título do presente texto é inspirado no livro “O perigo de uma história única”, da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Em uma passagem do livro, a autora conta sua descoberta dos autores africanos, e como isso interferiu no modo de contar suas próprias histórias, que, até então, eram definidas por personagens brancos, de olhos claros, que brincavam na neve e sempre bebiam cerveja de gengibre; elementos de uma história diferente daquela que ela vivia na Nigéria. “La não tinha neve, comíamos manga e nunca falávamos do tempo, porque não havia necessidade” (ADICHIE, 2019, p. 12). Como ela mesma declara, “[...] o que a descoberta de escritores africanos fez por mim foi isto: salvou-me de ter uma história única sobre o que são os livros (ADICHIE, 2019, p. 14). Nesse sentido, a história única, para a autora, refere-se a uma única versão de um lugar, de um fato, de um acontecimento, de um povo, de uma cultura, de modo que essa unicidade implica na criação de um estereótipo. Por exemplo, a história única do continente africano legitimada pelo estereótipo de um lugar devastado pela pobreza, pela fome e por catástrofes.

Para nós, as possibilidades de pensar em outras histórias, em particular, em outras histórias para o autismo, surgiram no período do mestrado, especificamente, durante a produção de dados. Constatamos que, ao estar em uma sala de aula onde havia uma “aluna de inclusão” diagnosticada como autista, ela não se resumia a um conjunto de critérios e características diagnósticas, que não deveria ser avaliada segundo determinado laudo, mas, sim, como uma criança que estava em uma sala com outras tantas, cujas atitudes e comportamentos resultavam das interações dentro daquela sala de aula. Tornara-se insustentável pensar em critérios, características diagnósticas e estereótipos autistas, quando muitas outras coisas aconteciam naquele lugar (GAVIOLLI, 2019).

Assim, a partir da problemática apresentada por Adichie (2019) e na expectativa de ampliar as discussões presentes em Gaviolli (2019), propomos, com este texto: apresentar uma outra história sobre o autismo; evidenciar o perigo de uma história única para esse assunto e destacar, ainda que inicialmente, a produção teórica sobre essa temática no âmbito da Educação Matemática.

Para tanto, dividimos o presente texto em quatro partes: na primeira, nos dedicamos a explicitar uma história sobre o autismo a partir da psiquiatra Marian Leboyer, que tem suas fundamentações justificadas no Leo Kanner e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), considerado a bíblia da

psiquiatria; na segunda parte, a partir de discussões propostas pela psiquiatra francesa Marie-Claude, apresentamos os pressupostos teóricos de Leo Kanner, o que nos ajuda a compreender a noção de autismo presente no DSM-III e seus sucessores (DSM-IV e DSM-V); na terceira parte, explicitamos as possíveis implicações ao se considerar uma história única para o autismo; na quarta parte, expomos algumas considerações para essa discussão no âmbito da Educação Matemática.

Era uma vez o autismo... por Marian Leboyer, Leo Kanner e o DSM

O que é o autismo? Essa é uma pergunta que costuma aparecer, com certa frequência, quando falamos sobre esse assunto. Assim, considerando que essa história tem como principal referência o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), nada mais coerente do que nos basearmos na sua versão mais recente para oferecer uma resposta. Portanto, autismo, segundo o DSM-5, é um Transtorno do Neurodesenvolvimento identificado a partir de um grupo de condições no início do período do desenvolvimento, que se manifesta antes mesmo de a criança ingressar na escola, e que pode variar desde déficits mínimos da aprendizagem a prejuízos em habilidades sociais e cognitivas. Em particular, no caso do autismo, esse grupo de condições caracteriza-se, sobretudo, por dois aspectos: (i) déficits na comunicação e interação social em diferentes situações e (ii) presença de padrões excessivamente restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e movimentos (APA, 2014).

Recorremos ao livro “Autismo Infantil – Fatos e modelos”, escrito pela psiquiatra francesa Marian Leboyer, para explicitarmos como o conceito de autismo chegou ao DSM. Segundo a autora, “toda tentativa de definição do autismo tem início na primeira descrição dada por Leo Kanner, em 1943, no artigo intitulado: Distúrbios autísticos do contato afetivo (Autistic disturbances of affective contact)” (LEBOYER, 1995, p. 9, grifo nosso). Nesse contexto, são chamadas de autistas

[...] as crianças que têm inaptidão para estabelecer relações normais com o outro; um atraso na aquisição da linguagem e, quando ela se desenvolve uma incapacidade de lhe dar um valor de comunicação. Essas crianças apresentam igualmente estereotipias gestuais, uma necessidade imperiosa de manter imutável seu ambiente material, ainda que deem provas de uma memória frequentemente notável. Contrastando com esse quadro, elas têm, a julgar por seus aspectos exteriores, um rosto inteligente e uma aparência física normal (LEBOYER, 1995, p. 9).

Leo Kanner chegou a uma primeira descrição do autismo a partir de um grupo de crianças que lhe foram encaminhadas diante o diagnóstico de debilidade mental ou esquizofrenia. Após observar os comportamentos dessas crianças e reunir os sinais clínicos específicos, ele definiu uma nova síndrome, distinguindo-a, assim, das demais síndromes psiquiátricas existentes até aquele momento. O sintoma fundamental para a primeira descrição referia-se ao que Kanner definiu por “isolamento autístico”. Além disso, sua descrição pautava-se em torno do distúrbio central, isto é, “a inaptidão das crianças em estabelecer relações normais com as pessoas e em reagir normalmente às situações desde o início da vida” (LEBOYER, 1995, p. 10).

Inicialmente concebido por Kanner como um adjetivo (“distúrbios autísticos do contato afetivo”), o autismo foi, em seguida, relegado aos estados de sintoma (“retardo mental com traços autísticos”), depois tornou-se uma subcategoria de esquizofrenia (“esquizofrenia infantil, tipo autístico”). Enfim, ele emerge como uma síndrome totalmente à parte (“o autismo”). Terá sido necessário quarenta anos de pesquisas para verificar a validade do modelo proposto por Kanner em 1944 (LEBOYER, 1995, p. 37).

Desde o início do diagnóstico de Kanner existiram algumas divergências, sobretudo em relação a outro psiquiatra, chamado Bleuler, o que resultou numa confusão dos psiquiatras em utilizarem, de forma equivocada, os diagnósticos de esquizofrenia infantil, de psicose infantil e de autismo. Enquanto para Kanner o autismo se configurava como uma incapacidade de desenvolver o relacionamento social e falta de imaginação, para Bleuler o autismo, nos esquizofrênicos, se configurava como um retraimento da vida social, uma vida imaginária rica e uma relação entre a esquizofrenia adulta (LEBOYER, 1995).

A partir desse quadro clínico, as etapas seguintes foram: (i) validar o conceito de autismo e verificar sua existência universal e suas especificidades; (ii) hierarquizar os sintomas. Em 1956, a classificação de Kanner conservava apenas dois sinais, considerados, por ele, característicos do autismo: o isolamento autístico e a necessidade de imutabilidade (LEBOYER, 1995). Alguns anos depois, a partir de estudos desenvolvidos por pesquisadores que partiram dos mesmos pressupostos de Leo Kanner, foi possível organizar uma tétrede que compôs a terceira versão do DSM:

- 1º - uma incapacidade de desenvolver relações pessoais;
- 2º - um déficit no desenvolvimento da linguagem;
- 3º - respostas anormais ao meio ambiente, em particular, estereotípias gestuais e uma resistência a mudança;

4º - o fato de que os sinais aparecem antes da idade de trinta meses (LEBOYER, 1995, p. 11).

Essa tétrade foi ampliada com a inserção de descrição das anomalias, enfatizando desde o aspecto da percepção, passando pelo sensório-motor até o período de desenvolvimento e, ainda, ampliações voltadas para decodificação do autismo segundo os discursos neurológicos (LEBOYER, 1995).

Na direção de ampliar ainda mais as características e auxiliar no processo de identificação do autismo, questionários, que deveriam ser preenchidos por pais de crianças diagnosticadas com autismo, passaram a ser utilizados para auxiliar no diagnóstico. Em 1980, pesquisadores apresentaram o CARS (Childhood Autism Rating Scale), indicador orientado pelos critérios descritos, inicialmente, por Leo Kanner e demais especialistas.

Diante dessa ampliação de critérios para a prescrição de um diagnóstico, o DSM-III passou a levar em conta cinco fatores para a identificação do autismo: as síndromes clínicas, os distúrbios específicos do desenvolvimento, as afecções físicas, as condições psicossociais e o melhor nível de adaptação e de funcionamento registrado no período de um ano. Além disso, também passou a compor o DSM-III a descrição de testes de avaliação do comportamento, a escala dos comportamentos para o autismo (Behaviour Observation Scale ou BOS) e, também, a escala ERC (Avaliação resumida do comportamento), todos preenchidos pelos profissionais da área terapêutica (LEBOYER, 1995).

Não objetivamos, aqui, descrever as mudanças e alterações do autismo no DSM-IV e no DSM-V, posto que não é nossa intenção fazer uma comparação das informações constantes em tais documentos, mas, sim, apresentar uma história de como o autismo chegou até o DSM e, principalmente, como chegou às características que o definem hoje. Assim sendo, compreendemos que as informações que compilamos são suficientes para descrever o “era uma vez” do autismo, a partir de Leo Kanner, do DSM e de Marian Leboyer.

Era uma vez o autismo... por Marie-Claude Thomas

Para contar essa história, recorremos ao livro “Autismo: una lectura epistemológica”, da psiquiatra francesa Marie-Claude Thomas, que nos apresenta os pressupostos teóricos que levaram Leo Kanner a definir o autismo como tal. Para isso, a autora propõe o que ela chama de uma “genealogia do autismo” e elenca três aspectos fundamentais que, para ela, são constituintes da noção de autismo que temos hoje: o desenvolvimento do evolucionismo, da psicologia comportamental e

da linguística estruturalista. Na direção de pensar o exercício dessa genealogia, algumas perguntas também movem a autora, dentre elas: "[...] em que tipo de referência científica, psicológica, filosófica, em que circunstâncias, nessa ordem, Bleuler colocou a palavra autismo em circulação? E segundo, com que tipo de referência científica Kanner construiu a entidade autismo na primeira infância em 1943?" (THOMAS, 2018, p. 28, tradução nossa)³.

A autora também propõe olharmos para o autismo numa perspectiva da contracorrente ou, ainda, o que ela chama de um "más acá". Sobre essa contracorrente, Marie-Claude compreende que é um olhar para o autismo na direção de interrogar uma identidade que foi criada, inventada para esses sujeitos, bem como os discursos produzidos para eles a partir de um diagnóstico "patologizante". Nas palavras da autora,

Do ponto de vista epistemológico do qual vou falar com vocês, o autismo não é um fenômeno natural. Então, toda vez que digo autismo, você precisa colocar aspas, porque eu o considero o fenômeno do autismo ou a entidade psicopatológica. Em outras palavras, na maioria das vezes não vou falar sobre a clínica, o que hoje é chamado de clínica de autismo. O autismo existe, nesse sentido, sob uma determinada condição. E foram essas condições que tomei, e é de acordo com a minha hipótese que contribuiu para a constituição da entidade autista. O que permitiu a construção dessa entidade e que agora ela ocupa um lugar tão importante, um lugar tão importante entre as doenças do início da vida em particular? (THOMAS, 2018, p. 26, tradução nossa)⁴.

Na direção de compreender e identificar as referências que definiram a construção do "fenômeno do autismo", Marie-Claude nos apresenta três pontos. O primeiro deles diz respeito ao evolucionismo. Ernst Haeckel, do qual Kanner era leitor, sugere o termo "el hombre alálico", que quer dizer o homem sem fala, mas que poderia ser alcançado graças à lei biogenética fundamental da recapitulação, que se refere à evolução das espécies. Compunham essa categoria as crianças que não falavam, os recém-nascidos e os autistas. Portanto, conclui-se que o ser não

³ "[...] ¿en qué clase de referencia científica, psicológica, filosófica, en qué circunstancias entonces, de este orden, Bleuler puso la palabra autismo en circulación? Y en segundo lugar ¿con qué clase de referencia científica Kanner construyó la entidad autismo infantil precoz en el año 1943?"

⁴ "Desde el punto de vista epistemológico desde el cual les voy hablar, el autismo no es un fenómeno natural. Entonces, cada vez que diga autismo, hace falta que ustedes pongan comillas, porque lo considero como el fenómeno autismo, o como la entidad psicopatológica. Es decir, que durante casi todo el tiempo no voy hablar de la clínica, de lo que se llama la clínica del autismo hoy. Existe el autismo, en ese sentido, bajo una certa condición. Y son esas condiciones las que tomé, y son según mi hipótesis las que contribuyeron a la constitución de la entidad autismo. ¿Qué permitió la construcción de esa entidad y que tome actualmente un tal lugar, un lugar tan importante entre los padecimientos del comienzo de la vida en particular?"

falante tem de vir a falar em algum momento da sua vida, devido a uma evolução natural da espécie.

O segundo ponto diz respeito ao comportamentalismo, uma vertente defendida pelos psicólogos comportamentalistas que desejavam explicar os comportamentos humanos. As ideias de Pavlov de estímulo-resposta (E-R), isto é, o fato de o corpo precisar reagir a qualquer estímulo a que ele é exposto, como algo necessário para o desenvolvimento, influenciou a perspectiva de autismo que se tem hoje. Características predominantes da vertente comportamentalista foram essenciais para as definições do cognitivismo, que vieram posteriormente, e que fundamentaram o desenvolvimento de algumas abordagens utilizadas, atualmente, na psicologia para o atendimento de pessoas autistas, como por exemplo, o método ABA (Análise do Comportamento Aplicado).

Por fim, o último ponto diz respeito à construção particular de uma linguagem fundamentada no estruturalismo americano, que recebe influência das correntes comportamentalistas. Nesse contexto, a linguagem era entendida apenas como instrumento de comunicação, a pessoa recebe um estímulo auditivo e, então, é natural e necessária uma reação, que corresponde a uma resposta verbal a esse estímulo. Desse modo, a noção de linguagem fica pautada, exclusivamente, no paradigma da linguagem enquanto instrumento de comunicação verbal. É a partir desse conceito de linguagem que são desenvolvidos e colocados em prática os métodos TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Limitações) e ABA, ambos voltados para o atendimento de pessoas autistas.

Marie-Claude também comenta sobre dois modelos de imagens que foram produzidos para a construção dessa “entidade psicopatológica” chamada autismo infantil. Com relação ao primeiro modelo de imagem, que a autora chama de um retrato do autista, é uma maneira de construir o autismo segundo as citações, em particular, de um artigo de 1943 intitulado “Transtornos autistas del contacto afectivo” de Leo Kanner. Nesse artigo, ele descreve o caso de onze crianças com características próximas, mas não similares. Essa descrição é feita a partir da identificação de três traços autistas: a solidão, a repetição e um padrão de linguagem que se aproxima do mutismo ou, ainda, uma fala constituída de neologismos. “[...] É uma espécie de retrato falado do autismo, que permanece

inalterado até hoje nos relatos psiquiátricos” (THOMAS, 2018, p. 60, tradução nossa)⁵.

Essa imagem, esse retrato falado, construído dentro de um dispositivo que demonstrou sua objetividade, dentro de um ideal científico, fabrica um universal; recordando os termos de Kanner, todos eles têm características comuns essenciais e são fundamentalmente semelhantes. É graças a esse universal, que é um universal construído e não natural, construído por Kanner, que se justifica um programa único, por exemplo, o método ABA ou o método TEACCH, que quer se impor a todos (THOMAS, 2018, p. 61, tradução nossa)⁶

Esse procedimento de identificação dos traços autistas aconteceu a partir de uma sobreposição de imagens dessas onze crianças. Tal método já era desenvolvido nos anos de 1870 e 1880, por Francis Dalton, um defensor do evolucionismo social e da seleção dos mais aptos.

Assim, Kanner, com esses onze casos postos lado a lado, cria um tipo de protótipo da criança "autista", em uma imagem que se destina a ser objetiva e científica, o oposto do caso individual. E essa construção é excessivamente reivindicada por Kanner. Ele escreve, em 1943, depois de um olhar superficial no material, uma série de características essenciais e comuns. Essas características formam uma síndrome única (THOMAS, 2018, p. 60-61, tradução nossa)⁷.

Outra característica associada a essa imagem é a de que as crianças ditas autistas já nascem assim; em outras palavras, o autismo e suas características são inatas ao ser humano o que, por consequência, resultaria no isolamento e na solidão dessas crianças. Tal definição é fundamentada em Arnold Gesell, um psicólogo clínico, que defendia que um dos comportamentos esperados para crianças, aos quatro meses de idade, deveria ser o de esticar os braços quando os pais sinalizavam um movimento na direção de alcançá-las para pegá-las. No entanto, Gesell enfatiza que essa não é uma afirmação com provas suficientes, ela é restrita e, além disso, esse gesto pode aparecer antes do previsto. Como Marie-Claude nos apresenta, Gesell

⁵ “[...] Es una especie de identikit del autismo, que se encuentra sin modificación aún hoy en los informes psiquiátricos”

⁶ “Esta imagen, este identikit, construido dentro de un dispositivo que ha demostrado su objetividad, dentro de un ideal científico, fabrica un universal; recordando los términos de Kanner, todos presentan características comunes esenciales, y son fundamentalmente similares. Es gracias a ese universal, que es universal construido y no natural, construido por Kanner que se justifica un programa único, por ejemplo el método ABA o el método TEACCH, que quiere imponerse a todo”.

⁷ “Entonces Kanner, con estos once casos puestos lado a lado, yuxtapuestos, crea una especie de prototipo del niño “autista” en una imagen que se pretende objetiva y científica, que es lo opuesto al caso individual. Y esta construcción es excesivamente reivindicada por Kanner. Escribe en 1943, incluso una mirada somera sobre el material, hace emerger cierto número de características comunes, esenciales. Essas características forman un síndrome único”.

[...] tinha sido muito cauteloso; ele se dera ao trabalho de escrever que sua avaliação era provisória, porque se baseava em um limite de número de casos e que outros estudos precisariam ser feitos para mostrar se, eventualmente, esse movimento era anterior aos quatro meses de vida do bebê, que ele havia observado (THOMAS, 2018, p. 104, tradução nossa)⁸.

Apesar dessa ressalva, Kanner, “tira dali conclusões forçadas” (THOMAS, 2018, p. 104, tradução nossa)⁹. Ele assume como inquestionável a hipótese de Gesell, afirmando que esse é um movimento que toda criança deveria demonstrar, portanto, um comportamento universal. Na sequência, produz uma segunda suposição, também forçada na perspectiva de Marie-Claude. Ele afirma que a atitude do movimento antecipatório é inata e que as crianças ditas autistas nascem sem essa capacidade de estabelecer um contato afetivo, um contato biológico. “[...] E foi assim que Kanner, em seu primeiro artigo do ano de 43, construiu o inatismo da solidão, forçando, dessa maneira, o texto de Gesell (THOMAS, 2018, p. 62, tradução nossa)¹⁰.

Parece-me então, que é por causa desse tipo de acumulação das observações experimentais de Gesell, que são feitas com conceitos teóricos; por causa do autismo de Bleuler, relido por psicólogos como Piaget, e por causa de testemunhos que não são estatisticamente significativos, que Leo Kanner constrói o que chama de característica fundamental do autismo infantil: o isolamento e a ausência (THOMAS, 2018, p. 105, tradução nossa)¹¹.

No que diz respeito ao segundo modelo, Marie-Claude, ao tratar das imagens produzidas por ressonância magnética, que asseguram explicar o autismo e suas diferentes manifestações e contribuem para a repercussão de um discurso pautado em um determinismo genético, afirma que elas apresentam uma “conclusão questionável”.

A imagem do cérebro obtida por ressonância magnética é uma imagem extremamente construída, que depende, antes de tudo, da técnica utilizada, seja a partir da atividade metabólica do cérebro, ou do consumo de oxigênio ou glicose; é disso que trata a imagem de ressonância magnética, da atividade elétrica do cérebro pelo

⁸ “[...] había sido muy cauto; se había tomado el trabajo de escribir que su evaluación era provisoria, porque estaba fundada en un límite de números de casos, y que habría que hacer otros estudios para demostrar si eventualmente ese movimiento era más precoz que los cuatro meses de vida del bebé, en el que lo había observado.”

⁹ “saca de allí conclusiones forzadas”.

¹⁰ “[...] Y es así como Kanner en su primer artículo del año 43, construyó el innatismo de la soledad, forzando de esa manera el texto de Gesell.”

¹¹ “Me parece entonces que es por esta especie de amontonamiento de observaciones experimentales de Gesell, que están hechas con conceptos teóricos, por el autismo de Bleuler tal como es relido por psicólogos como Piaget, también por testimonios que no son significativos desde el punto de vista estadístico, que Leo Kanner construye lo que llama la característica fundamental del autismo infantil: el aislamiento, la ausencia.”

eletroencefalograma. Esse é um primeiro ponto, o segundo é que a imagem obtida depende do tratamento dos dados; cada laboratório tem sua própria maneira de processá-los. E terceiro, isso depende do peso estatístico, que é uma coisa muito complexa (THOMAS, 2018, p. 66, tradução nossa)¹²

Como anunciamos no início dessa história, Marie-Claude afirma que vai na contracorrente do que tem sido pensado e produzido sobre o autismo. Nessa direção, a autora apresenta e discute ainda outros dois aspectos, os quais ela chama de “paradoxos”, sendo eles: uma articulação entre linguagem e autismo; uma exposição sobre o termo autismo, inclusive como entidade psicopatológica, como resultado de uma construção.

Ao abordar o primeiro paradoxo, Marie-Claude retoma como Aristóteles definiu a linguagem e como essa definição teve implicações no modo de pensá-la, tanto no campo da psicanálise quanto dos psicognitivistas. Para ele, a linguagem era tida como instrumento de comunicação e não poderia haver conversa sem sentido, isto é, fala sem que o interlocutor pudesse compreender o que estava sendo dito (ver exemplo do “Blum”, abaixo). Esses são os fundamentos que subsidiam a noção de linguagem de Kanner e de grande parte de referenciais teóricos anteriores a ele.

Nessa perspectiva, a linguagem é tomada como sendo, desde sempre, um instrumento de comunicação e nunca sem sentido. No entanto, há um caso interessante, relatado por Kanner e comentado por Marie-Claude, que coloca em suspeição essa noção de linguagem. Esse caso diz respeito a uma situação em que ele recebeu em seu consultório uma criança, de quatro anos, que quando questionada por seus pais sobre algo ser verdade respondia com “Blum”. Por considerar essa resposta sem sentido, ou melhor, sem que um possível sentido pudesse ser atribuído a ela, Kanner descreve a criança como autista. Todavia, o mistério da resposta sem sentido se resolve algum tempo depois, quando a criança lê a expressão “Blum disse a verdade”. Para Marie-Claude, “Kanner fala aqui de uma palavra fora de sentido, sem sentido, e me parece que não podemos saber se não faz sentido, se está fora de sentido” (THOMAS, 2018, p. 89, tradução nossa)¹³.

¹² “La imagen cerebral que se obtiene por resonancia magnética, es una imagen extremadamente construida, que depende, en primer lugar, de la técnica utilizada, sea a partir de la actividad metabólica del cerebro, es decir, su consumo de oxígeno o glucosa, y eso es la imagen por resonancia magnética sea a partir de la actividad eléctrica del cerebro por electroencefalograma. Ese es u primer punto, el segundo es que la imagen obtenida depende del tratamiento de los datos; cada laboratorio tiene su forma de tratar los datos. Y em tercer lugar, esto depende de la ponderación estadística, que son cosas muy complejas”.

¹³ “Kanner habla aquí de una palabra fuera de sentido, sin sentido, y a mí me parece que no podemos saber si no tiene sentido, si está fuera de sentido”.

Com relação ao segundo paradoxo, Marie Claude nos apresenta o termo “autismo” como resultado de uma construção que tem início entre os anos de 1907 e 1911, principalmente, com o psiquiatra Bleuler, que demonstrava interesse nos estudos realizados por Freud. Nesse cenário, Jung, também psiquiatra e um dos ajudantes de Bleuler, escreveu uma carta para Freud sobre algumas temáticas que lhes interessavam, em particular, o tema demência precoce. Freud, por sua vez, convida Jung para trabalharem juntos. Interessava a Freud, Bleuler e Jung um aprofundamento a respeito dos conhecimentos sobre essa temática. No ano de 1907, Bleuler se dedica a escrever um grande Manual de Psiquiatria, seu principal objetivo com a produção desse material era a substituição do termo demência precoce por esquizofrenia. Com isso, Bleuler, confuso em recorrer ao termo autoerotismo, para falar sobre a libido freudiana e suas implicações no quadro psiquiátrico do que viria a ser a esquizofrenia, reduz o termo para autismo. Segundo Marie-Claude, ao fazer essa redução Bleuler já está operando segundo o campo da psiquiatria e de acordo com determinadas referências. Em outras palavras

Do ponto de vista macroepistemológico, pode-se dizer que, ao escolher essa palavra, Bleuler se coloca fora do campo freudiano. Ou, se prefere dizer dessa maneira, ele permanece dentro da disciplina psiquiátrica. Do ponto de vista microepistemológico, o entendimento de Bleuler sobre autoerotismo, autismo ou mesmo o entendimento de Jung, estão dentro das coordenadas do espaço euclidiano, de dentro-fora, e dentro da filosofia da representação (THOMAS, 2018, p. 96, tradução nossa)¹⁴.

É e assim que tem-se a criação do termo autismo. Mas é somente em 1910, com a publicação de Bleuler em uma revista de psiquiatria, que o termo se torna público. Naquele momento, definiu-se o autismo como “[...] um retiro do paciente com autismo na sua imaginação, realizado a partir da sua própria imaginação. Qualquer influência externa contra esse retiro torna-se um incômodo insuportável, e esse parece ser o fator mais importante. E ele continua, nos casos mais graves isso só pode produzir negativismo. [...]” (THOMAS, 2018, p. 99, tradução nossa)¹⁵. Reiteramos que a noção de autismo, conforme essa concepção, estava relacionada diretamente à noção de esquizofrenia.

¹⁴ “Desde un punto de vista de una macro epistemología, se puede decir que al elegir esa palabra Bleuler se pone fuera del campo freudiano. O, si lo quieren decir de esta manera, se queda dentro de la disciplina psiquiátrica. Desde un punto de vista micro epistemológico la comprensión que Bleuler tiene del autoerotismo, del autismo, o incluso la comprensión que tiene Jung, está dentro de las coordenadas del espacio euclidiano, dentro-fuera, y dentro de la filosofía de la representación”.

¹⁵ “[...] un retiro autístico del paciente en su fantasía, hacía su fantasía. Toda influencia exterior contra ese retiro se vuelve una molestia insoportable, y ese parece ser el factor más importante. Y, continúa, em los casos más severos esto sólo puede producir negativismo. [...]”

A partir dessa ideia de autismo, Bleuler divulga, algum tempo depois, o que ele chamou de “pensamento autista”. Tal conceito é sistematizado por ele em um artigo de cem páginas intitulado: “El Psicoanálisis de Freud, defensas y observaciones críticas” (THOMAS, 2018), o qual recebeu várias críticas de Freud. No ano de 1913, houve a publicação desse artigo em inglês, e ele foi enviado para Baltimore, cidade onde Kanner se encontrava naquele momento. Kanner, por sua vez, já tinha tido contato com o Manual de Psiquiatria escrito por Bleuler, mas é somente por volta do ano de 1943 que ele desenvolve uma construção do quadro clínico para o autismo.

No decorrer do “era uma vez” dessa seção, Marie-Claude nos apresentou alguns dos referenciais teóricos de Leo Kanner, que contribuíram para determinar o seu entendimento de autismo tal qual foi apresentado no “era uma vez” da seção anterior. Assim, diante do exposto, compreendemos que as informações apresentadas até aqui são suficientes para descrever o “era uma vez” do autismo segundo Marie-Claude Thomas.

Era uma vez... o perigo de uma história única para o autismo

Eu estava de olho bem vivo para os riscos devido à minha própria experiência – apesar de nossos esforços para domar a abundância diagnóstica, o DSM-IV vinha sendo mal utilizado, inflando a bolha. Embora tivéssemos sido enfadonhamente modestos nos objetivos, obsessivamente meticolosos nos métodos e rigidamente conservadores no produto, não previmos nem evitamos três novas falsas epidemias de distúrbios mentais em crianças – o autismo, o déficit de atenção e o transtorno bipolar. E não fizemos nada para conter a galopante inflação diagnóstica que já estava expandindo a fronteira da psiquiatria muito além de sua competência (Allen Frances, psiquiatra americano que liderou o desenvolvimento do DSM-IV; FRANCES, 2016, p. 14).

Há uma frase no livro de Adichie (2019) que julgamos estar em articulação com as histórias aqui contadas: “[...] mostre um povo como uma coisa só, sem parar, e é isso que o povo se torna” (ADICHIE, 2019, p. 22). Compreendemos que as histórias sobre o autismo, “transtornos mentais” e outras tantas patologias são resultados da disseminação de uma história única, que ganham ainda mais legitimidade quando escritas por especialistas em manuais de psiquiatria. Se estão nos manuais, se são escritas por especialistas, tornam-se inquestionáveis. Com isso, à medida que histórias únicas são contadas, categorias e classificações são criadas e definidos determinados padrões de comportamento.

Uma amostra do perigo da disseminação de uma história única para o autismo fica evidente, para nós, quando consideramos as seguintes citações:

Em suma, apenas uma pequena minoria dos autistas será capaz de levar, na idade adulta, uma vida social independente e de exercer uma profissão. Mesmo aqueles que reúnem os melhores fatores prognósticos guardarão uma personalidade residual anormal e distúrbios cognitivos (LEBOYER, 1995, p. 29).

[...] apenas uma minoria de indivíduos [...] vive e trabalha de forma independente na fase adulta; aqueles que o fazem tendem a ter linguagem e capacidade intelectuais superiores, conseguindo encontrar um nicho que combine com seus interesses e habilidades especiais. Em geral, indivíduos, no entanto, podem continuar socialmente ingênuos e vulneráveis, com dificuldades para organizar as demandas práticas sem ajuda, mais propensos a ansiedade e depressão. Muitos adultos informam usar estratégias compensatórias e mecanismos de enfrentamento para mascarar suas dificuldades em público, mas sofrem com o estresse e os esforços para manter uma fachada socialmente aceitável [...] (APA, 2014, p. 56).

Se vocês repararem, notarão que há uma diferença de dezenove anos entre uma citação e outra e a história que se repete é a mesma: apenas uma minoria de indivíduos autistas terá uma vida independente na fase adulta. Assim como Adichie (2019) afirma que histórias únicas definem estereótipos, Marcone (2015), na sua tese de doutorado, discute que “o estereótipo também fixa aspirações possíveis, matando desejos, definindo quem deve sonhar o que [...]” (MARCONE, 2015, p. 37). Além disso, histórias únicas também podem produzir determinismos, como os descritos por Leo Kanner e seus sucessores, repercutidos, hoje, no DSM-5 como “consequências funcionais”, isto é, implicações que interferem no desenvolvimento pessoal e cognitivo, tais como: o fato de a aprendizagem ser prejudicada por conta da ausência de comunicação e interação social; a capacidade de se adaptar as mudanças estar abaixo do Quociente de Inteligência (QI) medido; na fase adulta as habilidades psicossociais, ou seja, a capacidade de relacionamento, uma vida independente ou emprego remunerado serem insatisfatórios (APA, 2014).

Ao discutir sobre o perigo de uma história única, relações de poder estão em jogo e são um elemento central para a constituição de determinismos (THOMAS, 2018). Como diria Marie-Claude, “[...] o autismo é um tópico, um lugar do debate no nível da psicologia, da psicanálise; mas também o lugar de importantes debates econômicos e políticos. Debates também sobre uma concepção de homem e linguagem. [...]” (THOMAS, 2018, p. 27, tradução nossa)¹⁶. Há uma disputa por classificar, definir, estereotipar, normalizar, representadas hoje pelo DSM, que à propósito, contribuem para um avanço significativo das vendas por parte das

¹⁶ “[...] el autismo es un tópico, el lugar de debate a nivel de la psicología, del psicoanálisis; pero también el lugar de debates económicos y políticos muy importantes. Debates también, sobre una concepción del hombre e la lengua. [...]”

indústrias farmacêuticas; afinal, “‘diagnosticar’ tornou-se um negócio altamente rentável” (CECCARELLI, 2010, p. 7).

As drogas psiquiátricas são, hoje, a maior fonte de renda dos fabricantes – em 2011, foram 18 bilhões de dólares em antipsicóticos (surpreendentes 6% de todas as vendas de medicamento), 11 bilhões em antidepressivos e quase 8 bilhões em remédios para TDAH (transtorno do déficit de atenção com hiperatividade) (FRANCES, 2016, p. 15).

Reiteramos que não é nossa intenção fazer dessa uma história única sobre o autismo, tampouco negar que haja diferenças entre o sujeito classificado “autista” e o sujeito “normal”. Até porque, negar que haja diferenças entre nós, seria assumir que “somos todos iguais” e estaríamos operando, assim, segundo determinada norma.

Desse modo, quando remetemos ao perigo de uma história única para o autismo, nos interessa colocar em suspeição uma identidade que foi criada e disseminada, sobretudo, a partir dos determinismos presentes no DSM. Faz parte disso, ao nosso ver, problematizar e desnaturalizar: um determinado comportamento autista, os critérios e características diagnósticos, uma ideia de comunicação definido a partir de um estereótipo de linguagem. Caminhamos, assim, como propõe Marcone (2015), em busca de problematizar uma estrutura que está posta e que opera de acordo com uma lógica polarizante, normal-anormal. Nessa mesma direção, também nos importamos em colocar em suspeição os discursos vigentes nas políticas de inclusão, na expectativa de compreender o que as fundamenta, a quem interessa sua criação e como os discursos são manipulados no seu interior. Com isso, não temos a intenção de fazer um juízo de valor sobre elas, mas, sim, investigar como as relações de poder são exercidas no interior e a partir delas. Em outras palavras,

[...] “partir das” unidades dadas, tomá-las por marco inicial; mas, para estudar-lhes a sua configuração interna ou as suas contradições, não se colocar no interior dessas unidades duvidosas. Apoiar-se nelas, apenas o tempo suficiente, para perguntar que unidades formam; e, então, mantê-las em suspenso, para liberar todo um outro domínio: “não se trata, é claro, de recusá-las definitivamente, mas sacudir a quietude com a qual as aceitamos; mostrar que elas não se justificam por si mesmas, que são sempre o efeito de uma construção” (ib., p. 29)¹⁷ (BAMPI, 1999, p. 117).

Portanto, ao propor pensarmos no “era uma vez” dessa seção, é considerando que, além de desnaturalizar algumas ideias e conceitos, inclui

¹⁷ Esse “ib.,” refere-se a obra “Arqueologia do Saber” de Michel Foucault (1987).

problematizar que verdades não se justificam por si mesmas, não são ontológicas, mas, sim, sempre o efeito de uma construção social, histórica e cultural. É considerar, sobretudo, os modos institucionais e discursivos nos quais os sujeitos são criados.

Considerações iniciais

Justificamos a escolha do título desta seção como “considerações iniciais”, pois, de fato, se trata do nosso primeiro olhar para essa discussão na Educação Matemática. Assim, depois de contarmos as histórias a partir de Marian Leboyer, Leo Kanner, Bleuler, Marie-Claude Thomas, fazemos, aqui, uma breve introdução de pesquisas que tratam do autismo no âmbito da Educação Matemática, para fins de compreender, num momento posterior, os regimes de verdade que estão em jogo.

Ao olharmos para algumas pesquisas produzidas, e que tem como foco principal investigar autistas em aulas de matemática, é possível observar que elas partem de pressupostos definidos por Leo Kanner ou pelo DSM (PRAÇA, 2011; JORGE, 2011; TAKINAGA, 2015; FLEIRA, 2016; NASCIMENTO, 2017; VIANA, 2017; SOUZA, 2019). Não deixamos de destacar que, embora algumas dessas pesquisas problematizem e discutam questões como: o excesso do diagnóstico autista e até mesmo o reducionismo do autismo a características e critérios, todas elas seguem uma história para o autismo definido pelos determinismos, ora do Leo Kanner, ora do DSM.

Chama nossa atenção, nesse primeiro momento, a legitimidade que a descrição de Kanner e de seus critérios e características, ganham. Nesse sentido, nos preocupa a disseminação de uma história única para o autismo no âmbito da Educação Matemática, pautada, exclusivamente, em Leo Kanner, no DSM e seus determinismos, que podem contribuir para a fixação de um estereótipo autista em aulas de matemática, por exemplo. Afinal,

O discurso produz e posiciona os objetos dos quais fala, isto é, produz as “verdades” de tais objetos, que acabam por adquirir estatuto de verdade e, assim, passam a ter efeitos de verdade aceitos como universais, como naturais no nosso dia-a-dia, na nossa cultura, no nosso cotidiano. Esses efeitos de verdade – postos em movimento pelo discurso – induzem a efeitos específicos de poder que os reproduzem [...] (BAMPI, 1999, p. 133).

Já em vias de concluir, retomamos, aqui, uma pergunta feita lá no início da segunda seção: o que é o autismo? Para nós, o “fenômeno do autismo”, trata-se de uma “patologia” resultante de uma construção de determinados aspectos e referências pautados em ideais específicos. Há um ideal universal sobre linguagem

e seu desenvolvimento, sobre comportamento, sobre evolução, e se não se está de acordo com essas ideias, que promovem padrões, se se escapa a uma norma vigente, déficits, anomalias, deficiências e transtornos são identificados e, sobretudo, medicalizados e tratados, alguns, inclusive, com discursos propensos a uma possível cura.

Por fim, enfatizamos, novamente, que nosso interesse ao colocar em discussão o perigo de uma história única para o autismo, em particular no âmbito da Educação Matemática, é para fins de se colocar em suspeição uma norma que sistematiza determinado comportamento humano.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências

APA – AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Tradução de Maria Inês Correa Nascimento. et al. Porto Alegre: Artmed, 2014. Tradução de Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BAMPI, Lisete. Efeitos de Poder e Verdade do Discurso da Educação Matemática. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p.115-143, jan/jun. 1999.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A patologização da normalidade. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 33, p.125-136, jul. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000100013. Acesso em 04 de nov. 2020.

FLEIRA, Roberta Caetano. **A inclusão de um aluno autista nas aulas de matemática: um olhar Vygotskyano**. 2016. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Anhanguera de São Paulo, São Paulo, 2016.

FRANCES, Allen. **Voltando ao normal: como o excesso de diagnósticos e a medicalização da vida estão acabando com a nossa sanidade e o que pode ser feito para retomarmos o controle**. Tradução: Heitor M. Corrêa. Rio de Janeiro: Versal, 2016. 368 p. Título original: Saving normal: na insider's revolt against out-of-control psychiatric diagnosis.

GAVIOLLI, Íria Bonfim. **Cenários para investigação e Educação Matemática em uma perspectiva do deficiencialismo**. 2019. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2019.

JORGE, Emanuela Valério. **As possibilidades e os desafios da utilização do lúdico para a aprendizagem em matemática de educando com Síndrome de**

Asperger. 2011. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) - Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2011.

LEBOYER, Marion. **Autismo Infantil – Fatos e modelos**. Tradução: Rosana Guimarães Dalgalarro. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Educação Especial).

MARCONE, Renato. **Deficiencialismo: a invenção da deficiência pela normalidade**. 2015. 170 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociência e Ciência Exatas, Rio Claro, 2015.

NASCIMENTO, Iêda Clara Queiroz Silva do. **Introduções ao sistema de numeração decimal a partir de um software livre: um olhar sócio-histórico sobre os fatores que permeiam o envolvimento e a aprendizagem da criança com TEA**. 2017. 157p. Dissertação (Mestrado em Docência em Educação em Ciências e Matemáticas) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica, Belém, 2017.

PRAÇA, Élide Tamara Prata de Oliveira. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. 2011. 140 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

SOUZA, Andiara Cristina de. **O uso de tecnologias digitais educacionais para o favorecimento da aprendizagem matemática e inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista em anos iniciais de escolarização**. 2019. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2019.

THOMAS, Marie-Claude. **Autismo: una lectura epistemológica**. 2. ed. Rosario: Una Piranã Ediciones, 2018.

TAKINAGA, Sofia Seixas. **Transtorno do Espectro Autista: contribuições para a Educação Matemática na perspectiva da Teoria da Atividade**. 2015. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

VIANA, Elton de Andrade. **Situações didáticas de ensino da matemática: um estudo de caso de uma aluna com transtorno do espectro autista**. 2017. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociência e Ciência Exatas, Rio Claro, 2017.

Submetido em junho de 2020.

Aceito em outubro de 2020.